

A CPI à beira de um ataque de nervos

A CPI do Orçamento entra na sua reta final num clima mais do que tenso, quase histérico. Um dia é Jarbas Passarinho (PPR-PA) que ameaça renunciar à presidência, outro é José Paulo Bisol (PSB) que promete abandonar tudo, fazer um relatório paralelo e implodir a comissão. Dali a pouco é Aloísio Mercadante (PT-SP) que aponta a montagem de um "teatro" na tomada dos depoimentos, enquanto o PFL acusa a esquerda de usar a tese do aprofundamento das investigações para prorrogar o prazo dos trabalhos, inviabilizar a revisão e transformar a CPI num palco de ardentes vaidades.

Num instante é José Genoino (PT-SP) que dá uma pausa, toma um café e desabafa "como ser humano" todas as suas aflições com quem estiver ao lado. No outro, encontra-se o relator, Roberto Magalhães (PFL-PE), correndo atrás de panos quentes para que tudo não se perca e não termine, pior do que num *acochambro* geral, em grossa pancadaria.

Se um cidadão comum circulasse ontem pelo Congresso, sentiria de imediato o real perigo de terminarem todos se engalfinhando. Até para esse cidadão que não acompanha de perto o jogo de interesses, a briga de poder e a disputa por espaço que toma conta da CPI já há algum tempo, embora de uma maneira surda, abafada pelo barulho das denúncias, era fácil sentir que as relações andam beirando a falta de urbanidade dentro da comissão.

A publicação de uma lista de emendas incluídas no relatório de orçamento de 92 surpreendentemente derrubou de vez a tênue cordialidade que mantinha esquerdistas e conservadores numa convivência pacífica. Surpreendente, sim, pois a lista já havia sido divulgada em outra ocasião sem causar tamanho corre-corre. O problema foi o momento, este sim extremamente delicado. E ontem os ânimos se acirraram em público e no particular, sem o menor constrangimento.

O deputado José Lourenço (PPR-BA) deu a partida para a lavagem de roupa suja generalizada, quando entrou na sala onde seria tomado o depoimento do deputado Geddel Vieira Lima (PMDB-BA) e investiu aos gritos e palavrões contra o senador Bisol. Daí em diante era difícil encontrar um integrante da CPI que não tivesse um ataque pronto, na ponta da língua, uma crítica dura ou pelo menos um reparo a fazer sobre o comportamento de companheiros de comissão.

Aloísio Mercadante e José Paulo Bisol eram os alvos

prediletos dos chamados conservadores. Os dois, segundo alguns relatos, provocaram uma irritação enorme em Passarinho na noite anterior, durante a reunião da CPI que decidiu dar um prazo de uma semana a mais para a entrega do relatório final.

O senador chegou, em dado momento, a empurrar a cadeira da presidência e abandonar a mesa. Não foi falta de serenidade, neste caso. Mas uma reação a uma alta pressão que a esquerda, minoritária, vem exercendo sobre a majoritária centro-direita. Sob ameaças constantes de que vão implodir a CPI denunciando intenções espúrias de proteger culpados e acusá-la de ser uma comissão "de fachada", os parlamentares de esquerda têm conseguido aprovar o que querem.

Foi assim no caso da convocação dos governadores, na ampliação do número dos chamados a depor e na tomada de depoimentos por uma segunda vez. "Temos de engolir todos os sapos, se não quisermos sair daqui desmoralizados", constata um integrante do grupo que começou desconfiando da aliança de Passarinho com a esquerda, mas hoje está inteiramente "fechado" com o presidente da CPI.

Mercadante e Bisol também resolveram expor suas críticas a céu aberto. Revoltado com o fato de que nem todos serão ouvidos pelo plenário geral da CPI, o deputado petista acusava ontem, de forma genérica, sem particularizar denúncias nem nominar más intenções, a comissão de ter-se transformado "numa farsa". Se continua ou não a participar dela, Mercadante não esclarece, diz apenas que "não é possível continuar assim". O argumento dele é, à primeira vista, lógico: "Estamos ouvindo no plenário gente de quem não temos ainda informação e em subcomissões pessoas a quem teríamos muito a perguntar." Para Mercadante, esse procedimento inviabiliza qualquer conclusão séria.

As coisas estão num ponto tal que até a divulgação da intenção do senador Bisol de escrever um livro contando os bastidores da CPI é interpretada como uma ameaça explícita, pois há o temor de que o relato revele situações desagradáveis para aqueles que não pactuaram das posições do senador durante a CPI. Se o ambiente está assim quando ainda faltam duas semanas para serem concluídas as investigações, é de se temer o que acontecerá daqui para frente diante da proximidade do momento decisivo: o da aplicação das punições.

Paquera verde

Gilberto Gil está articulando a mil — dentro do que permite a velocidade baiana — a transferência de Jaime Lerner do PDT para o PV. Gil, que fez a proposta para o paranaense num encontro dos dois em Foz do Iguaçu, tem até domingo para conseguir a faça-

nha. O problema é que Brizola não quer ver Lerner fora do PDT e o PV não pode ter candidato a presidente, como deseja Lerner. Na confusão, pode acabar dando até uma coligação entre PFL — louco para oferecer legenda ao ex-prefeito de Curitiba — e os verdes.